



Cassiano Gabus Mendes escreve novela capa-e-espada, que estréia em janeiro, e tem fortes referências ao Brasil moderno

Brasil de folhetim

Lina de Albuquerque

SAO PAULO — Afastado de sua calejada máquina de escrever elétrica há nove meses, desde o parto do último capítulo da novela *Brega e chique*, Cassiano Gabus Mendes, 59 anos, reaquece-se para enfrentar mais uma superprodução, a sua 10ª empreitada na Rede Globo desde *Anjo mau*, de 1976. Desta vez, o autor recebeu carta branca do vice-presidente de operações da estação, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, para tocar um antigo projeto de novelas das sete: uma capa-e-espada tupiniquim, cujo título provisório oscila entre *Ravengar* e *O reino de Avilan*, com estréia prevista para janeiro.

A história se passará em 1786, portanto três anos antes da Revolução Francesa. Avilan é um país imaginário de clima tropical onde, como num velho conhecido nosso, imperam a corrupção e o caos. A religião é o catolicismo, aliada a seitas como a *cambanda*. A moeda é o *duca*, que veio recentemente substituir o *caduco* (um *duca* vale mil *caducos*). Da mistura de diversas aventuras de folhetim, tipo Alexandre Dumas, Cassiano imaginou uma sátira viperina da realidade brasileira, com direito a reis, rainhas, princesas, filhos bastardos e conselheiros desonestos.

Para dirigir toda essa maluquice — que terá no elenco a experiente Tereza Raquel (vivendo uma rainha despótica), Edson Celulari (o filho bastardo), Antonio Abujamra (o feiticeiro *Ravengar*), Marieta Severo, John Herbert, Natalia do Valle, Ísis de Oliveira e Aracy Balabanian —, Cassiano conseguiu até fazer com que o diretor Jorge Fernando (*Guerra dos sexos*, *Cambalacho* e *Brega e chique*) quebrasse a promessa de nunca mais trabalhar com o gênero novelístico. “Não agüentava mais dirigir os mesmos

Cassiano Gabus Mendes escreve a nova novela das sete, que se passa num país tropical de geografia humana conhecida

papos de telefone e restaurante de histórias urbanas”, reclama Jorge Fernando. “Mas esse capa-e-espada reacendeu o meu fogo”, anima-se. “Agora vou poder brincar com todos os chavões das aventuras folhetinescas de uma maneira nova, sem deixar de homenagear os maiores mestres desta literatura”, diz ele, dois meses depois do seu primeiro contato com o projeto.

Embora ainda não tenha escrito mais do que seis capítulos, Cassiano Gabus Mendes convive com a idéia desde 1984, quando quase chegou a colocá-la em prática. “Só não a levei adiante porque não aceitei a imposição do *merchandising* — há três semanas Cassiano se atendeu num ritmo de trabalho diário de seis horas, que deverá se estender por 173 capítulos. As gravações de estúdio começam em meados de novembro e as externas em dezembro — e é tudo o que o novelista revela. Ele é daqueles que gostam de fazer suspense em torno do enredo. Há dois anos, por sinal, entrou com um processo contra a Editora Bloch porque a revista *Amiga* transcreveu o último capítulo da novela *Ti-ti-ti*, uma semana antes do final. Assim mesmo, ele adianta o primeiro capítulo da nova história. A novela começa com a morte de um rei — Gianfrancesco Guarnieri, numa participação especial. Como o falecido não deixou herdeiro

do sexo masculino, assume o trono de Avilan uma rainha adepta da guilhotina. Mas a notícia da existência de um filho bastardo acaba por colocar em risco o seu reinado.

A cidade cenográfica onde se desenrolará toda essa trama está sendo construída pela equipe do cenógrafo Mário Monteiro em Jacarepaguá, no terreno novo da Globo. “Será uma mistura da arquitetura medieval com a surrealista”, conta o cenógrafo. Para ele, somente o estilo de um Antonio Gaudí, o famoso arquiteto catalão, poderia reproduzir o espírito surreal daquele país, primo-irmão do Brasil, imaginado por Cassiano Gabus Mendes. A construção da cidade, que terá castelo, vilas, becos e praça de guilhotina, custará Cz\$ 100 milhões. Quanto aos estúdios, no bairro carioca de Bonsucesso, consumirão outros Cz\$ 60 milhões. No mês que vem, serão gravadas na França tomadas de vários castelos, inseridas na novela através do processo *newsmatte*, recentemente utilizado na minissérie *O primo Basílio* e que permite superpor imagens.

O nome Avilan, para muitos, até para o diretor Jorge Fernando, seria uma alusão irônica de Cassiano Gabus Mendes ao *best-seller* *As brumas de Avalon*, em que a escritora Marion Zimmer Bradley conta a história do rei Artur da perspectiva das mulheres. O autor da novela, no entanto, garante que não é nada disso: “Essa palavra nasceu por acaso — gostei do som, e só”, diz ele, afirmando nunca haver lido uma página sequer do romance, publicado no Brasil pela Editora Imago. Ele admite, porém, que *Ravengar*, o seu título preferido para a novela e o nome do feiticeiro a ser vivido por Antônio Abujamra, é uma homenagem ao detetive do programa policial que seu pai, Otávio Gabus Mendes, morto em 1946, levou ao ar na Rádio Record, entre 1938 e 1940.